

José António de Azevedo Lemos



José António de Azevedo Lemos (Pereira, Vilar (Vila do Conde), 1 de Outubro de 1786 — Lisboa, 16 de Fevereiro de 1870) foi um militar português que se destacou durante a Guerra Civil Portuguesa como um dos principais comandantes das forças afectas a D. Miguel I de Portugal. Teve papel importante no Cerco do Porto e foi o último *comandante-em-chefe* das forças legitimistas, condição em que foi forçado a assinar a Capitulação de Évora-Monte como representante do povo e do exército português miguelista. Foi também um notável latinista, traduzindo diversos clássicos.

Era filho de António de Azevedo Lemos e Ana Maria Antunes, um casal de *humildes lavradores*, sendo o primogénito de muitos irmãos.

Como seminarista na cidade do Porto e noviço no Convento do Carmo de Santarém, estudou Latim, Francês e Filosofia, enquanto praticava na farmácia do convento, com resolução de professor.

Com a Primeira Invasão Francesa alistou-se como voluntário no Regimento da Cavalaria n.º 10, para combater os franceses, sendo empregue no Estado-Maior.

Feita a paz em 1815, partiu para o Brasil com Luís António Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro, o Conde de Barbacena, onde combateu no Paraguai e Rio Grande.

Regressado a Portugal, em 1823 foi nomeado comandante da Guarda e da Polícia do Porto.

Já em 1828, após a chegada de D. Miguel ao trono, é promovido a Coronel e encarregado do comando do Regimento de Infantaria n.º 1. Liderou vários combates, tomou parte no Cerco do Porto e na expedição à ilha Terceira e à ilha da Madeira, tendo comandado as tropas que desembarcaram na então vila da Praia da Vitória (Terceira - Açores) em 1829, sendo derrotado. A fidelidade do general e as suas capacidades de comando desde logo despertaram a atenção de D. Miguel, que passou a ter em Lemos um dos seus mais próximos homens de confiança e um verdadeiro amigo.

Em 1832, foi nomeado marechal-de-campo, por D. Miguel I, como recompensa da sua liderança determinada do exército legitimista (vulgo absolutista). Obteve um importante triunfo sobre os constitucionalistas (vulgo *liberais*), em Novembro de 1833, na Batalha de Alcácer do Sal.

Após os sucessos no Alentejo, o seu prestígio levou o monarca a chamá-lo a Santarém, onde se encontrava a sua corte, e a nomeá-lo Comandante em Chefe do Exército (cargo que desempenharia até ao final da guerra). Quis o destino que, a 18 de Fevereiro de 1834, junto a Santarém, as suas tropas fossem derrotadas pelas forças do Marechal Saldanha, na Batalha de Almoester, confronto que terá sido o *canto do cisne* da facção legitimista no conflito. Pouco depois, os legitimistas sofrem nova derrota na Batalha da Asseiceira e decidem retirar de Santarém.

Na muita literatura sobre a Guerra Civil e mais propriamente sobre o sítio do Porto, é sempre muito citado pela sua valentia e muito préstimo, ainda como brigadeiro e depois general. Fiel à sua causa recusou aderir ao Exército Constitucional, ainda que para tal expressamente convidado.

Após a derrota na Asseiceira, foi confiada ao General Lemos a importante missão de negociar a Convenção de Évora Monte com os Constitucionalistas. Firmado o tratado, José António Lemos acompanhou o seu soberano e grande amigo pessoal no exílio. Permaneceu em Turim até 1849, ano do seu regresso a Lisboa.

Pelo seu comportamento em Turim e pelo seu bom conselho a D. Miguel, mereceu grande estima e algumas mercês por parte do rei Carlos Alberto da Sardenha.

Regressado a Portugal em 1849, fixou-se em Lisboa onde casou com D. Rita Ferreira Pigott, senhora de grande fortuna, viúva do general João Pigott. Faleceu a 16 de Fevereiro de 1870, tendo sido o seu corpo sepultado no Cemitério Ocidental de Lisboa.

Latinista seguro e firme, traduziu várias obras clássicas que deu à imprensa.

Sendo uma das mais insignes figuras da Terra da Maia oitocentista, o General Lemos foi biografado pelo grande cronista da história da Terra da Maia, o padre Agostinho Antunes de Azevedo, na sua obra de referência *A Terra da Maia*. Também Simão José da Luz Soriano, cronista da Guerra Civil entre liberais e absolutistas, descreve os feitos deste general na sua *História da Guerra Civil*.

O General Lemos é também uma personagem da peça *Falar Verdade a Mentir* (1825), de Almeida Garrett, onde é apresentado como cortês (por exemplo no modo como se dirige à personagem *Brás Ferreira*) e dedicado aos amigos, mas acaba, contudo, envolvido nos "esquemas" mentirosos de *Duarte*.



(Casa onde Nasceu, em Vilar – Vila do Conde)